

RECENSÕES CRÍTICAS

Carlos Quevedo, *E Deus Criou o Mundo*, Lisboa, Desassossego, 2017, 208 p.
ISBN: 9789897730535

Trata-se de «uma obra que aborda três das religiões historicamente mais representativas: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islão». É, no entanto, mais do que isso. As três religiões monoteístas são tratadas comparativamente e apenas em aspetos que o autor, Carlos Quevedo, escolheu. Arriscamos dizer, os temas de maior interesse para uma sociedade que se deseja aberta e plural.

E Deus Criou o Mundo é uma obra perfeitamente reveladora da importância do tema «Religiões e Culturas», que inspira o presente volume da *Revista de História das Ideias*: a cultura, sendo obrigatoriamente histórica, abarca em si matrizes religiosas, quer isso seja fácil de perceber no modo de vida, quer não. A obra em apreço organiza-se em três partes: i) «As religiões e o mundo», dedicada aos nascimentos, às mudanças, aos desaparecimentos no interior de uma religião, fruto de assimilação, mas também de resistências; ii) «Ser religioso», onde se explora o que é ser judeu, ser cristão e ser muçulmano (note-se que as orientações religiosas estudadas pelo autor são, no seio do judaísmo, o judaísmo ortodoxo; no seio do cristianismo, o catolicismo; e, no seio do islão, o sunismo); iii) «A vida dos crentes», que se foca na família (casamento e divórcio), no casamento inter-religioso, na condição da mulher, na morte e, por último, na teorização do fim do mundo (sobre cada um dos temas enumerados, apresenta-se a visão de cada religião).

Esta separação não é, porém, impeditiva de o autor especificar algumas comparações, fruto de uma pesquisa documentada na bibliografia (apropriada).

da e sucinta) que remata a obra. Carlos Quevedo estudou Sociologia e Teoria da Literatura em Paris e é atualmente jornalista na Antena 1, sendo o produtor do programa da mesma estação intitulado «E Deus Criou o Mundo», onde se promove o diálogo inter-religioso. Ora, foi a partir deste percurso que concretizou em livro muitos dos diálogos ali mantidos, beneficiando também dos contributos de Isaac Assor (judeu), de Pedro Gil (cristão) e de Khalid Jamal (muçulmano).

As dúvidas surgem quando se trata de perceber a qualificação destas religiões como as «mais representativas». O budismo, por exemplo, tem um elevado número de crentes e uma forte representação na geografia mundial, tal como sucede com duas das religiões tratadas no livro – o cristianismo e o islão; já o mesmo não acontece, porém, com o judaísmo, uma religião em que tanto a distribuição geográfica como o número de fiéis são significativamente mais restritos. Não encontramos uma explicação convincente por parte do autor para aquela classificação e, na nossa opinião, a «representatividade» não será a caracterização mais certa para relacionar judaísmo, cristianismo e islão. Em vez disso, o episódio da fé monoteísta, quando Deus pede a Abraão que sacrifique o filho Isaac (Ismael para os muçulmanos), deverá ser tomado como verdadeiramente fundador da identidade desta tríade de religiões e como um aspeto primário para perceber a sua essência profunda. As três são abraâmicas, na medida em que o judaísmo adotou este episódio tornando-se fiel observante da Lei, o cristianismo vê-o como modelo de fidelidade e o islão encara-o como testemunho de submissão absoluta a Deus. Por isso mesmo, «as comunidades confessionais devem saber que as crenças religiosas não vivem em mundos paralelos» (id.: 22).

O autor começa em «As religiões e o mundo», a parte inicial e menos desenvolvida do seu livro, por apontar o desconhecimento em que vivem os crentes de uma religião em relação às outras. E, acrescentamos nós, de uma forma geral, há também um desconhecimento do crente em relação à sua própria religião. Ao adotar a designação «religiosos» como sinónimo de crentes, o autor não considera que todos nós temos religiosidade, nada mais do que a dinâmica que impele o ser humano a questionar o sentido último das coisas, como Anselmo Borges reiteradamente afirma. Se Carlos Quevedo, na Introdução, informa que «as [...] [suas] opiniões estão [...] refletidas [na obra]» (id.: 17) e, mais adiante, afirma que «não é um livro de história das religiões» (id.: 42), é precisamente nesta primeira parte da obra que o autor aduz, ainda assim, alguma informação de natureza histórica (não isenta, é certo, de opinião pessoal).

«Seja como for, [...] temos Deus e deuses, todos criados por diferentes povos e adorados segundo as tradições locais» (id.: 39). Consideramos esta frase a chave para apreender o sentido da obra e, ainda, a história das religiões. Ela alude ao facto de Deus ser uma criação dos povos e, por conseguinte, existir enquanto criação humana, consonante com a diferente história dos Homens. É, então, em «Ser religioso», a segunda parte, que o autor se centra naquilo que considera essencial para conseguir realçar o objetivo do livro: «perceber se a revelação do mesmo Deus às religiões abraâmicas reforça os laços de parentesco ou impossibilita a conversa» (id.: 48). Por ordem cronológica do seu aparecimento, estas religiões são abordadas no que diz respeito aos seus textos sagrados, às regras alimentares, à autoridade religiosa e aos seus ritos. É de notar uma inexactidão de Carlos Quevedo, ao referir-se à génese do islão: «Maomé escreve o Alcorão ditado por Deus» (id.: 25). Todavia, os muçulmanos creem que o Alcorão é o conjunto das palavras do próprio Deus; efetivamente, só com o terceiro califa é que o Alcorão começou a ser registado num único livro. Julgamos ainda que é de salientar o apelo do autor ao conhecimento do islão, o que aliás não faz, pelo menos de uma forma expressa, em relação às outras duas religiões.

Ousaríamos dizer que, enquanto o judaísmo é a religião do Livro por excelência, o cristianismo originou uma proximidade incomparável do Homem com Deus e o islão tem no Alcorão a condição divina que se pode equiparar à de Jesus no cristianismo. A última parte da obra parece-nos verdadeiramente interessante, por tais características aqui se exprimirem e por suscitar abundante reflexão ao leitor. Entre as questões tratadas em «A vida dos crentes», pensamos que a mais controversa é a do casamento inter-religioso, na medida em que cada um dos membros do casal, como bem refere o autor, tem de deixar de ser «inter». Por outro lado, visto que o último título – «O fim do mundo» – ainda aborda, no seu início, a questão da morte, faria mais sentido terminá-la anteriormente e assumi-la como uma temática separada de «O fim do mundo»; este não implica necessariamente a catástrofe provocada pela morte. É importante percebermos que seiscentos anos separam cristianismo e islão, pelo que as realidades a que hoje assistimos nas sociedades de matriz judaico-cristã não podem ser comparáveis às que professam uma fé que não percorreu ainda todo esse tempo. Nas sociedades afetadas pelo facto islâmico, o controlo existe «sem justificação religiosa nem prova de fé nenhuma» (id.: 160), como realça o autor; é, portanto, produto de uma historicidade, seja ela qual for.

Havendo vários desafios do fenómeno religioso ao mundo contemporâneo, os quais Carlos Quevedo aponta na sua conclusão, a violação da liberdade religiosa é um deles, quer esta passe pela discriminação, quer pela perseguição. Embora se refira ao terrorismo, também ele contra minorias religiosas, podemos conhecer amplamente as várias formas de violação através da Fundação AIS, com a publicação bianual de um *Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo*. A obra remata com uma frase tão simples quanto inquietante: «O ganho é ficarmos a conhecer a humanidade» (id.: 201). Um meio para o conseguir, apontado pelo autor, é a promoção do diálogo inter-religioso.

Olhar para uma ou para outra religião, atualmente, ou incentivar o diálogo é limitativo para o ganho referido: consegue-se observando a construção de uma religião na *longue durée* e, mais relevante ainda, adotando uma perspetiva comparativa. Esta fornece-nos o autor, o que é, por si só, um aspeto positivo a colher nesta sua obra. Assim, e como dizia a historiadora Linda Colley para a história imperial britânica, os historiadores devem ser sensíveis às múltiplas conexões. É imperativo que o diálogo deixe de ser um mero princípio que lembra um dos direitos fundamentais, o da igualdade, teoricamente definido mas impraticável. Para além da promoção do conhecimento científico no campo dos estudos da religião, as interações entre a dinâmica social e a dinâmica religiosa apresentadas são deveras úteis à sociedade secularizada. Parece-nos que o trabalho de Carlos Quevedo, *E Deus Criou o Mundo*, amplia este rumo.

SOFIA CARDETS BEATO

sbeato@hotmail.com

Licenciada em História, FLUC

Mestranda em História e Cultura das Religiões, FLUL

Orcid: 0000-0002-8502-919X

https://doi.org/10.14195/2183-8925_36_15

Miguel Gomes Martins, *1147, a conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada*, Lisboa: A Esfera dos Livros, 2017, 386 p. ISBN: 978-989-626-840-4.

Miguel Gomes Martins tem orientado a sua linha de investigação para duas vertentes: a História Militar Medieval e os Estudos Oisiponenses,